

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Relatório Final

**PERFIS FEMININOS NOS JORNAIS HUMORÍSTICOS
DE MANAUS: 1900 - 1920**

Bolsista: Aline Maria da Silva Hamburgo, CNPq

**MANAUS
2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

RELATÓRIO FINAL

**PERFIS FEMININOS NOS JORNAIS HUMORÍSTICOS
DE MANAUS: 1900 - 1920**

**Bolsista: Aline Maria da Silva Hamburgo, CNPq
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Luiza Pinheiro Ugarte**

**MANAUS
2010**

SUMÁRIO

1	Identificação	04
2	Resumo	05
3	Introdução	06
4	Objetivos	08
5	Fundamentação Teórica e Metodológica	09
6	Desenvolvimento:	15
	1. Representação mais frequentes do feminino produzidas pela Imprensa de Humor;	18
	2. Papel desempenhado pela Imprensa de Humor na construção de uma imagem feminina;	23
	3. Posturas adotadas pelos jornais humorísticos diante da expansão do feminino	28
7	Conclusões	31
8	Cronograma	33
9	Fontes e Referências	34

1 – IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Sigla: **PIB- H /0017/2009**

Título do Projeto: **Perfis Femininos nos Jornais Humorísticos de Manaus: 1900 - 1920.**

Orientadora: **Prof. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro**

Bolsista: **Aline Maria da Silva Hamburgo**

Duração do Projeto: **12 meses**

Origem da Bolsa: **CNPq**

Unidade Executora: **ICHL/Departamento de Historia – UFAM**

OBS: O projeto não é renovação!

2 - RESUMO

A pesquisa analisou as representações do feminino nos jornais humorísticos de Manaus no período de 1900 a 1920. A produção historiográfica local apontou as posições conflituosas da sociedade amazonense num período de transformações sociais e econômicas em que a condição feminina ganhou maior visibilidade.

Com o intuito de investigar na Imprensa humorística Manauara como a mulher era representada por eles, realizei uma pesquisa arquivística em um conjunto de periódicos selecionados que se encontram microfilmados no Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (LHIA). Tais periódicos apresentam características bem particulares e sinuosas que merecem uma atenção especial no que se refere à compreensão do humor da época trabalhada. Esses jornais são fontes interessantes para podermos perceber os conflitos existentes no período estudado e pensamento da sociedade da época acerca da condição feminina.

Através do uso da imprensa como fonte historiográfica, os dados coletados foram trabalhados visando à filtração da fala jornalística. A imprensa funcionou como espelho das idéias e posicionamento dos grupos que coordenavam e produziam os periódicos, possibilitando examinar as contradições presentes acerca da história das mulheres num âmbito local.

Dos periódicos examinados, a maioria era produzido por homens que usavam pseudônimos para esconder sua verdadeira identidade, o que mostra que se trata em grande medida do imaginário feminino representado por homens. A pesquisa revelou como a condição feminina era externada através de piadas, crônicas, charges, críticas e poemas nos jornais humorísticos nas primeiras décadas do século XX, refletindo o posicionamento que tais periódicos humorísticos produziam e reproduziam acerca dos perfis femininos nesse recorte marcado por transformações advindas das idéias de modernidade.

Palavras chave: História das Mulheres; Imprensa humorística; História e imprensa.

3 - INTRODUÇÃO

A passagem do século XIX para o século XX foi marcada por grandes transformações, tanto no espaço físico quanto no ideológico das sociedades ocidentais, principalmente nas sociedades européias. É nesse contexto de transformações advindas da idéia de modernidade que percebemos um crescimento na visibilidade feminina, através da organização de movimentos feministas e a saída da mulher do espaço privado para o espaço público.

Em meio a esse período de transformações a imprensa funcionou como um espaço onde as idéias e conflitos acerca do imaginário feminino eram relatados no cotidiano dessas sociedades, é o que afirma a autora Michelle Perrot em seu livro *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. (PERROT, 1998).

As fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram. Elas mudam com o tempo. Sua evolução, a fragilidade do seu equilíbrio, a tendência global à privatização com fases alternadas de “público” e “privado” são um dos principais temas de reflexão contemporânea. (PERROT, 1998, p. 176).

Desenvolvendo a questão Perrot vai afirmar que a incorporação de uma nova tecnologia no espaço doméstico acompanhada de benefícios que a eletricidade (que vai facilitar o dia a dia da dona de casa) vai proporcionar as mulheres *no século XX*, se tornarão “*uma espécie de engenheira, comandando as máquinas de uma cozinha-fábrica...*” (PERROT: 1998, 179).

Além do lar, as mulheres agem na cidade, e o inventário de suas intervenções, formais ou informais, pontuais ou habituais, seria longa. Solicita-se cada vez mais às burguesas as mulheres do mundo- que saiam de casa e pratiquem a caridade e a filantropia (PERROT, 1998).

Nesse contexto, as mulheres começam, mesmo que de forma tímida a ganhar mais espaço público e isso não vai ser bem visto por grande parte da sociedade da época, e surgem inúmeras críticas ao caráter reacionário das mulheres e a extensão que seu poder social

começa a assumir.

No entanto, não é primariamente nessa fonte que bebe o novo antifeminismo do início do século XX, mas alimenta-se das conquistas das mulheres, do esboço, ainda que tímido, de uma inversão de papéis pela mulher emancipada, que reivindica a igualdade dos direitos civís e políticos, o acesso ás profissões intelectuais e recusa, justamente, confinar-se à “vocação” materna. (PERROT: 1998, p.181)

A História da Imprensa no Brasil vem ganhando mais destaque no campo de pesquisa histórica, pois, sendo o jornal rico em detalhes do cotidiano, atrai cada vez mais adeptos ao seu uso tanto como objeto de pesquisa quanto fonte historiográfica, pois como afirma a autora Maria Helena Capelato *a Imprensa é um manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, possibilitando ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos.* (CAPELATO: 1994, p. 13) . Em 1908, devido ao primeiro centenário da Imprensa Brasileira, registrou-se uma grande preocupação em quase todo o território brasileiro em rastrear a trajetória da Imprensa no Brasil e no Amazonas. Aqui tivemos a contribuição de intelectuais para a produção historiográfica local através de Alcides Bahia e João Batista de Faria e Souza que organizaram o Catálogo A Imprensa no Amazonas, 1851-1908 (SOUZA, 1908)

Hoje para além das contribuições de Nelson Werneck Sodré, Rizini e Juarez Bahia a História da Imprensa no Brasil tem sido um tema merecedor de atenção no interior dos estudos históricos acadêmicos e, em especial, dentre os historiadores.

A comemoração do Bi-Centenário da Imprensa em 2008 fomentou ainda mais esses estudos e colocou novamente a incumbência aos historiadores e profissionais da comunicação a necessidade de estruturar novos estudos, organizando comissões científicas que, em cada estado, articularam ações voltadas para o evento. No Amazonas articulados em torno dos Grupos de Pesquisa “História Social da Amazônia” e “História da Imprensa no Amazonas (1851-1930)” sob a coordenação dos Professores Doutores Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro e Maria Luiza Ugarte Pinheiro e através do projeto História da Imprensa no Amazonas (1851-1930) vem sendo produzido um conjunto de trabalhos dedicados ao estudo da História da Imprensa em seus primórdios. Nesse sentido, o projeto já produziu trabalhos que vão desde a feitura de monografias, PIBICs, dissertações de mestrado à publicação de livros com o apoio do CNPq.

Assim, enquanto um subconjunto de projetos buscou dar visibilidade a importância da imprensa enquanto fonte para a pesquisa historiográfica, discutindo temas específicos a partir de um conjunto preestabelecido de jornais ou revistas, outro subconjunto desenvolve pesquisas voltadas para a análise de periódicos específicos da imprensa amazonense (jornais e revistas), (como a imprensa operária, estudantil, imprensa esportiva, imprensa religiosa, revistas de cultura, de educação, femininas, etc.) que tiveram destacado valor no contexto estudado (como o Jornal do Comércio, A Revista Amazônida, etc.) ou ainda tomando dimensões particulares do periodismo, como no caso deste subprojeto que busca dimensionar a presença feminina nos periódicos de humor de Manaus.

Com efeito, as transformações sociais e econômicas ocorridas a partir do final do século XIX e início do século XX propiciaram uma maior visibilidade da mulher nos espaços públicos. A conjuntura que vai favorecer essa visibilidade será a “intensificação dos padrões urbanos industriais do mundo contemporâneo” que vai retirar paulatinamente a mulher do reduto do lar e inseri-la no espaço do trabalho. A Emancipação feminina vai começar a romper com os limites que impunham a mulher somente o espaço da casa.

É de interesse dessa pesquisa desvelar a presença feminina manauara em espaços consagrados do mundo masculino como eram os jornais, mais especificamente os jornais de humor, tentando perceber até que ponto as mudanças que estavam ocorrendo relacionadas a elas estavam sendo vistas e representadas aqui pelos jornais humorísticos.

4 - OBJETIVOS

Buscamos, numa perspectiva mais geral, investigar na Imprensa Humorística Manauara, como a mulher era representada por eles. Essa tarefa levou em consideração o enfrentamento de temas e o equacionamento de questões mais específicas, respondendo tais questionamentos:

1. O projeto objetivou identificar as representações mais frequentes do feminino (re) produzidas pela Imprensa humorística nas duas primeiras décadas do século XX;

2. Realizou a análise do papel desempenhado por esse tipo de imprensa na construção de uma imagem feminina, tentando ver até que ponto ela atuou como fomentadora ou segregadora de uma maior penetração das mulheres na cena pública;
3. Percebeu que posturas a Imprensa Humorística adotou diante da expansão feminina no mercado de trabalho da Manaus da borracha.

5 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Para dar conta das questões teóricas do projeto, nos amparamos em três campos da história: imprensa, feminino e humor. A análise da pesquisa na fronteira desses três universos nos possibilitou responder a vários questionamentos que fazíamos no projeto, fez-se também necessário discutir uma metodologia que desse suporte e amparo ao conjunto de fontes que estávamos usando.

Com o desenvolvimento da Nova História a idéia de documento para pesquisa foi ampliada e nesse ajuste o jornal ganha maior importância nas produções historiográficas, inclusive no Brasil, pois a partir dos avanços tecnológicos durante o período republicano, o país teve um grande aumento no número de jornais criados em nosso território, principalmente nas grandes cidades, e foi no início do século XX que tivemos um intenso número de jornais conhecidos como pequena imprensa, com tiragem semanal, quinzenal, etc, com notícias de humor e textos menos formais como era de costume nos jornais mais sisudos da imprensa diária. Como coloca com bastante propriedade Heloísa de Faria e Cruz em seu livro intitulado São Paulo em Papel e Tinta (CRUZ:1997), o estudo dos periódicos não deve ser limitado somente aos órgãos de grandes tiragens, podendo o estudo de periódicos de menor porte, resultar em grandes trabalhos de igual relevância em mostrar práticas do cotidiano da sociedade.

Reneé Barata Zicman foi uma das principais autoras consultadas na pesquisa metodológica. Utilizamos seu trabalho, *História através da Imprensa* (ZICMAN: 1986) no qual a autora traça um modelo de metodologia adequada para o uso de jornais, seja ele como objeto de análise ou fonte, além de produzir uma breve história da Imprensa. Zicman aponta também que as características da imprensa como objeto devem ser verificados, pois ao

analisar quem produzia um periódico e a que grupo social pertencia, tal postura possibilitará a compreensão de sua forma e conteúdo. Cabe salientar, que não utilizamos o modelo como uma camisa de força, sabemos que a dinâmica da pesquisa nos impõe questionamentos e necessidades outras. O modelo nos serviu de inspiração para nos guiar.

Neste projeto utilizamos o jornal fundamentalmente como fonte. Para tanto devemos destacar que ao trabalharmos o jornal como fonte devemos realizar a filtração da fala jornalística que significa saber como esse jornal era produzido, quem eram seus organizadores, etc, (HISTÓRIA DA IMPRENSA NO AMAZONAS: 2009) e assim, a partir dessa desconstrução do periódico perceber as idéias acerca do feminino contidas nesse jornal. Como aporte ainda utilizamos a obra de Maria do Pilar de Araújo Vieira, *Imprensa e História do Brasil* que na mesma linha de outros trabalhos aponta que todas essas preocupações metodológicas no trato com o suporte jornal:

Visam identificar o “lugar social de onde cada jornal fala”, contextualizando- os, uma vez que eles se inserem e atuam no interior de sociedades complexas, crivadas pelos mais diversos tipos de estratificação. Como os demais atores sociais, os jornais não só externam representações específicas do real, como também incorporam, de forma consciente ou inconsciente, um projeto social e apontam caminhos para sua viabilidade.(VIEIRA,1989).

Partimos da hipótese geral de que a Imprensa age sempre no campo das idéias e portanto toda a pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de imprensa consultados.(ZICMAN, 1985), pois o jornal age na sociedade não como um órgão neutro, mas sim como transmissor das idéias de seus organizadores, apontando um determinado lugar social a partir do qual esse sujeito social fala.

Para enfrentarmos as questões relacionadas ao humor utilizamos autores como Elias Thomé Saliba que em seu importante livro *Raízes do Riso, a representação humorística na História brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. Tal obra nos possibilitou perceber o quanto é importante entender o que era novidade e estranhamento no período investigado, pois só assim foi possível entender o humor da época. Como afirma o autor o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados

(SALIBA, 2002). Saliba esclarece ainda no capítulo Preparando o Espírito para a Belle Époque, que no Brasil a representação cômica adquiriu novas dimensões com a República, isso porque:

O XIX foi aquele que viu nascer as revistas humorísticas, estimuladas pelos avanços nas técnicas de impressão e reprodução que possibilitaram o aumento nas tiragens e o conseqüente aumento do público leitor. Esta associação entre humor e imprensa, especialmente destacada nos países europeus, também ocorreu nos principais centros urbanos brasileiros, embora tenha sido um pouco mais tardia... (SALIBA 2002).

Em mais uma contribuição para a pesquisa a autora Maria Helena Capelato, em sua obra intitulada *Imprensa e História do Brasil*, esclarece que antes da República no Brasil, havia um controle da sociedade da opinião pública principalmente no que se refere as datas comemorativas de nosso calendário oficial. Traça também um panorama da trajetória da Imprensa no Brasil estabelecendo sua relação com a democracia e mostrando principalmente no que se refere aos diários suas relações com o poder.

A autora ainda neste livro nos evidencia como os jornais no período republicano vão manipular a opinião pública através de uma memória dita como oficial, mas agindo como oficiosa. Através de exemplos como o da notícia sobre a abolição, que seria segundo o enunciado dos periódicos da época, somente motivo de vontade dos bons governantes, deixando de lado todos os conflitos que ocorreram até a efetivação da abolição. Esse exemplo é ótimo para nos mostrar que nos jornais (atrás do impresso) existe a subjetividade do grupo que o produz, organiza.

Outra obra de referencia para a pesquisa foi a de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil*, importante para perceber a trajetória da Imprensa no Brasil. O autor também nos alerta em seu trabalho para os problemas da análise histórica onde o relativismo deve ser considerado visto que a idéia de verdade absoluta não é pertinente, pois mesmo que a busca pelo trabalho com jornais seja de capturar mais informações sobre o cotidiano do recorte selecionado, devemos levar em consideração que a interpretação do objeto varia de acordo com a subjetividade de quem o analisa e seu foco de pesquisa.

O questionamento da verdade como valor absoluto foi, em grande parte, responsável pelas revisões do papel do historiador, Atualmente ele admite o relativismo da sua ciência e tem consciência dos problemas da análise histórica bem como dos obstáculos a

enfrentar para solucioná-lo.(CAPELATO,1988).

Fizeram-se necessárias ainda leituras buscando entender a história da Imprensa com suas particularidades e mudanças, para isso recorremos ao trabalho de Marialva Barbosa, *Como escrever uma história da Imprensa* no qual a autora nos conscientiza que quando pesquisamos, reconstruímos o passado, ou seja, por mais que a consulta aos jornais seja uma ponte ao passado, as vozes que o construíram no passado são diferentes das que hoje pesquisam o jornal (BARBOSA, 2004).

Neste projeto nosso objetivo é trabalhar, não com a imprensa diária, de cunho mais conservador, mas com a pequena imprensa como conceitua a autora Heloísa de Faria Cruz no seu livro, *São Paulo em Papel e Tinta, periodismo e vida urbana- 1890-1915* (CRUZ: 2000). Em sua obra a autora nos mostra as possibilidades e formas de trabalhar com esses periódicos, percebendo o humor e suas funções nos humorísticos.

O humor coloca-se como outro ingrediente fundamental da conformação dos conteúdos e linguagens desses periódicos. Grande parte dos temas e seções desses pequenos jornais e revistas adquire um tom humorístico e jocoso. (...) Ligeiro e superficial em forma de anedotas de salão, seções de passatempo, historietas satíricas, o humor permeia as folhas e revistas femininas, literárias, de moda recreativa e de reclames. (CRUZ, 2000)

Neste nosso projeto, para dar conta dos objetivos da pesquisa, enfrentamentos, realizamos leituras sobre a História das Mulheres, assim autoras como Michele Perrot, Margareth Rago e Joana Maria Pedro, entre outras foram leituras obrigatórias.

Joana Pedro afirma que a partir de 1960, com o impacto dos movimentos sociais de mulheres, esse grupo ganhou maior visibilidade e podem ser pensados como o início de uma trajetória que vai desembocar na formulação, sempre instável dessa categoria, a qual foi formulada de maneira interdisciplinar. No decorrer das lutas feministas as mulheres ganharam espaço na luta política e social, saindo do espaço privado para o público e os jornais funcionaram como um espaço para esses debates e posições sobre a visibilidade feminina em desenvolvimento (PEDRO. 2008).

Michele Perrot em sua obra *Os excluídos da Histórias*, operários, mulheres,

prisioneiros,(PERROT:1998), observa como a história das mulheres foi vista no campo político, nas relações de poder e nas modificações da atuação das mulheres na passagem do século XIX para o XX, desvelando as fronteiras do público e do privado que sempre nortearam a inclusão e exclusão social das mulheres.

Rachel Soihet, em *História das Mulheres*, aponta que:

Mesmo com as transformações sociais ocorridas no séc. XIX no Brasil que causou uma modernização da imprensa e o aumento das publicações, a produção de jornais críticos e conscientizados da dominação masculina, não foram os dominantes do gênero: no lugar disso ficaram em maioria jornais e revistas que serviam para falar sobre moda, culinária e boa conduta das mulheres da sociedade (SOIHET, 1997)

Na historiografia local um importante trabalho para entender o aparecimentos dos primeiros periódicos existentes em Manaus e a projeção da imprensa amazonense no cenário regional é o de Maria Luiza Ugarte Pinheiro, *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas, 1880-1920* (PINHEIRO, 2001), onde a autora nos mostra como através dos jornais a sociedade estava absorvendo num âmbito local as mudanças de perspectiva acerca da condição feminina no início do século XX.

Os jornais humorísticos produziam piadas, poemas, ilustrações e críticas inseridas nas entrelinhas de seu conteúdo, o feminino era representado em sua maioria por homens que falavam sobre o imaginário feminino, e é nesse ponto que buscamos investigar: como a mulher era representada nesses periódicos humorísticos?

Acima de tudo, a presença das mulheres nos jornais do Amazonas tendeu a refletir o desconforto com que uma sociedade que se queria moderna e atualizada com o mundo europeizado e burguês, lida com os limites de sua capacidade em assimilar certas facetas dessa modernidade alardeada. Não raro, o tradicionalismo da cultura regional se impõe, imprimindo suas marcas e impondo um conteúdo extremamente vago a essa modernidade que tanto se exaltou como inexorável. (PINHEIRO 2001).

A metodologia a ser adotada neste projeto articula-se aquela estabelecida para o conjunto dos trabalhos do Projeto Integrado “História da Imprensa no Amazonas”. Nele, discutiu-se “o fato do uso do jornal pelos historiadores estar passando por sistemáticas tentativas de construção de arcabouços metodológicos que buscam dar conta da utilização de materiais tão complexos como a Imprensa no processo de construção do saber

historiográfico”.. Neste projeto buscou-se explorar um tema que é a representação do feminino no jornal de humor, filtrado pela “fala” jornalística (PROJETO DE HISTÓRIA DA IMPRENSA NO AMAZONAS, 1850-1930, 2009).

Como é enfatizado no projeto História da Imprensa no Amazonas, à partida, cabe ressaltar, como argumenta Zicman, que o envolvimento dos historiadores com a Imprensa tem oscilado entre produzir uma História da Imprensa ou uma História Através da Imprensa. No primeiro caso, trata-se de “reconstruir a evolução histórica dos órgãos de imprensa e levantar suas principais características para um determinado período” e no segundo caso, tomar a Imprensa “como fonte para a pesquisa histórica”. (Projeto História da Imprensa, 2009).

Zicman apresenta também importante contribuição no sentido de se buscar, no interior do processo de pesquisa, uma caracterização precisa dos órgãos de imprensa, levando em consideração quatro pontos prioritários: 1) Os aspectos formais e materiais do jornal (formato, nº de páginas, tipo de impressão, etc.); 2) aspectos históricos do jornal (local e data de fundação, proprietários, vínculos político-ideológicos, corpo redacional, etc.); 3) Aspectos econômicos do jornal (financiamento, assinaturas, tiragem, publicidade, difusão, preço, etc.) e 4) Aspectos da clientela do jornal: o público-leitor alvo (destinatários explícitos, “cartas ao leitor”, etc.). (ZICMAN, 1985: 93-94).

Com todas essas preocupações visamos identificar o “lugar social de onde cada jornal fala”, contextualizando-os, uma vez que eles se inserem e atuam no interior de sociedades complexas, crivadas pelos mais diversos tipos de estratificação. Como os demais atores sociais, os jornais não só externam representações específicas do real, como também incorporam, de forma consciente ou inconsciente um projeto social e apontam caminhos para sua viabilidade. (Projeto História da Imprensa, 2009)

As leituras procedidas possibilitaram resultados significativos, apresentando vários elementos presentes na literatura bibliográfica mostrando traços que servem como ponto de referência em nossos primeiros passos, fortalecendo uma idéia de origem central de que o Jornal tem uma ideologia própria determinada principalmente em sua linha editorial (principalmente no que se refere aos diários). Apresentando no decorrer do tempo mudanças sutis em certos elementos e em outros permanecendo inalterados, ajudando a entendermos sua função como agente de difusão de conceitos e idéias que eram assimiladas pela maioria de seus leitores no seu cotidiano. Cabe salientar que os pequenos jornais (aqueles que não saiam

diariamente) também possuíam projetos e idéias que necessitavam externar e que não encontravam espaço de divulgação no interior dos grandes jornais (diários). Assim o estudo desses periódicos são bastante interessantes, pois dão visibilidade a visões e espaços da sociedade difíceis de serem encontrados nos jornais de grande circulação.

6- DESENVOLVIMENTO

Acima de tudo, a presença das mulheres nos jornais do Amazonas tendeu a refletir o desconforto com que uma sociedade que se queria moderna e atualizada com o mundo europeizado burguês, lida com os limites de sua capacidade em assimilar certas facetas dessa modernidade alardeada. Não raro, o tradicionalismo da cultura regional, por vezes escamoteado em favor do discurso sobre a novidade e o progresso, se impõe, imprimindo suas marcas e impondo um conteúdo extremamente vago a essa modernidade que tanto se exaltou como inexorável. (PINHEIRO, 2001).

O projeto de pesquisa apresentado analisa o recorte histórico de 1900 a 1920, buscando perceber como a sociedade Manauara absorveu as idéias de modernidade advindas da passagem do século XIX para o século XX, período este apontado na historiografia como marcado por grandes transformações sociais e econômicas nas sociedades ocidentais, principalmente européias, inclusive na condição feminina.

Grande quantidade de mudanças e consolidações caracterizou a passagem do século XIX para o XX através do intenso contato com as idéias da modernidade, usando como gancho as revoluções industriais e o advento do capitalismo. O mundo ocidental vivenciou a modernidade, porém cada região com suas peculiaridades, absorvendo tais idéias com sua lógica interna que varia com seus anseios e limitações sociais, culturais e econômicas. No caso do nosso projeto, analisamos essas transformações com um foco nas transformações sociais e culturais da sociedade manauara diante desse processo histórico, investigando suas representações nos jornais humorísticos locais acerca da condição feminina.

Em Manaus percebemos que parcelas de nossa sociedade vivenciaram essa modernidade. A cidade passou por transformações físicas e culturais, na tentativa de se construir uma Manaus dos sonhos, uma Manaus parisiense, onde os idealizadores eram as elites locais.

Parcelas dessa elite eram advindas dos lucros da economia gomífera que

viabilizou o desenvolvimento econômico, social e cultural, que foi usufruído unicamente por elas, restando para a maioria da população pobreza, doenças e marginalidade.

Maria Luiza Ugarte Pinheiro em seu livro “*A Cidade Sobre os Ombros: trabalho e Conflito no Porto de Manaus, 1889- 1925*”(PINHEIRO: 2001) flagra esse momento de crescimento:

A prosperidade começaria a mostrar-se em Manaus na última década do século XIX. A renovação dos prédios públicos, as construções monumentais, os aterros e desaterros, a abertura de ruas e avenidas foram acompanhadas pela incorporação, em alguns casos pioneira, de tecnologia urbana moderna como o sistema de bondes, a iluminação elétrica, a comunicação telefônica, sistema de galerias para drenagem de águas e esgotos, além da abertura de espaços destinados ao lazer refinado, hipódromo, teatro, clubes, etc. (PINHEIRO, 2001).

Além das transformações físicas geradas pela modernidade, a elite de Manaus buscou seguir os parâmetros culturais europeus, tentando seguir a moda e costumes modernos. Nos periódicos analisados registramos com frequência uma atenção especial para esse quesito, observando que em sua maioria esses jornais reservavam espaço para inúmeras propagandas de lojas que vendiam produtos importados, roupas, sapatos, perfumes e eram publicados também eventos culturais como idas a praças e cafés refinados da cidade de Manaus.

No período estudado a condição feminina também passava por diversas transformações, pois esse sujeito social que antes tinha como espaço o lar, o privado, agora começaria a ganhar o espaço público. Essa mudança tem como destaque dois fatores: a escolarização e o acesso a empregos fora de casa. Com tais avanços, a mulher passou a ter mais visibilidade. Diante dessa emergência feminina a imprensa, que era para o período em sua essência um espaço masculino, vai reproduzir idéias na maioria das vezes contrárias a essa ruptura total com o tradicional, inclusive contrárias a emancipação feminina. O jornal, refletindo o posicionamento de seus organizadores, vai acabar servindo também como espaço de debate para essas questões.

A imprensa funcionou e funciona como espelho das idéias e posicionamento dos grupos que pretendem externar seus projetos. No caso dos jornais trabalhados por nós, pertencentes a uma imprensa que chamamos de alternativa, eles possibilitam examinar as contradições e projetos sociais diferenciados existentes na sociedade, no nosso caso, trabalhar

com o lado da cidade que as elites pretendiam esconder através da formalidade dos jornais oficiais.¹

No recorte investigado, as mudanças na condição feminina era algo ainda recente, logo os homens ainda dominavam o espaço público, inclusive a produção dos jornais, sendo assim, nos periódicos examinados a maioria eram produzidos por homens, o que mostra que se trata do imaginário feminino representado por homens. A análise dos exemplares apontou para um aspecto muito interessante sobre quem escrevia os periódicos, na sua maioria utilizavam pseudônimos para esconder suas verdadeiras identidades, aumentando a sua liberdade de expressão para externar suas idéias, brincadeiras, produzir notícias polêmicas sobre as mulheres. Não deixando de expor seu posicionamento acerca do tema.²

No que se refere ao aspecto físico dos periódicos, como o número de publicações, a periodicidade, seu formato, número de páginas e colaboradores. Eram em geral publicados semanalmente, com 2 páginas, formato pequeno(diário), possuíam três páginas e três colunas ou quatro colunas. Porém, havia jornais que destoavam desse perfil, o jornal *A Nota* destoava dessa média, pois possuía oito páginas, tendo um aspecto que figurava revista, ao invés de jornal. Tais periódicos apresentavam como particularidade a característica de os subtítulos serem jocosos e criativos, por exemplo, o subtítulo do periódico *A Nota: Semanário ilustrado, humorístico, epigrammatico, mephistophelico, prosaico, etc.*

Com uma linguagem xistosa, optando pela irreverência, as folhas de humor distanciavam-se da linguagem mais formalizada dos grandes jornais, trocando-a pelo discurso direto, objetivo e coloquial. Parecendo falar a “língua do povo” e direcionando o discurso xistoso para as pessoas e instituições de destaque (...) O diferencial não estava ,portanto, nos temas, mas nas formas como eles eram abordados. (PINHEIRO, 2001)

Para melhor desvelar os resultados obtidos dividimos em três partes nossos resultados que se articulam em torno de uma temática central, a fim de responder os objetivos da investigação proposta: Representações mais frequentes do feminino produzidas pela Imprensa de humor; Papel desempenhado pela imprensa de humor na construção de uma imagem feminina; Posturas adotadas pela imprensa de humor diante da expansão do feminino.

¹ Cabe salientar ainda que o caráter humorístico desses periódicos, dava maior flexibilidade aos seus colaboradores para escreverem sobre diversos assuntos que não eram bem vistos em um diário formal.

²Algumas informações técnicas coletamos do Catálogo de Jornais: Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950).

1

Representações mais freqüentes do feminino produzidas pela Imprensa de humor.

A condição feminina também era externada através de piadas e poemas nos jornais humorísticos, apresentando tais periódicos características bem particulares e sinuosas que merecem uma atenção especial.

Para desvelarmos a questão dos perfis femininos nesses periódicos, começaremos destacando os resultados obtidos como o jornal *A Tezoura* publicado pela primeira vez em 09 de outubro de 1909, este semanário tinha como proposta falar da boêmia, mas também de ser útil e agradável. Neste periódico encontramos uma seção especial intitulada “Silhuetas”, criada para divulgar a beleza das patrícias locais.

No Jornal *A Tezoura*, as mulheres da alta sociedade eram bastante elogiadas, e constantemente retratadas com delicadeza e notícias que se tornavam verdadeiros poemas de sua presença na cidade, e seu refinamento era apreciado pelos colaboradores que as registravam: sempre bem vestidas, com chapéus da moda, em locais bem vistos na sociedade. Neste jornal, percebemos que a beleza e delicadeza geralmente eram pertencentes às mulheres elegantes da alta sociedade, como encontramos nessa passagem:

Batalha das Flores- Graça ondina, amplo chapéu de palha, das espumas do tulle emerge apenas, vae risonha, voando, azas serenas, para a florida e intrepida batalha. Essa é a mais loura e alegre das phalenas que nas festas do chic nunca falha, chega, e que aroma na carreira espalha seu triunfante coche de açucenas.

Chega! E brandindo rosas e lilazes vence a phalange alacre dos rapazes fanfarrando a victória entre delírios. De madrigaes e flores pende o coche e eil-a a esmagar nesse floral deboche, almas, violetas, corações e lyrios. (*A Tezoura*, 1909).

O Jornal *A Nota* de 1917, tinha como proposta praticar um humor fino, no qual percebemos que seu foco era mostrar, na maioria de suas edições, mulheres refinadas, bem vestidas e bonitas, que freqüentavam teatros igrejas e espaços refinados da cidade e essas mulheres eram consumidoras da moda européia.

AU BON MARCHÉ

CAIXA POSTAL 325 MANAOS TELEPHONE 275
07—RUA MUNICIPAL—07

Vestidos para passeio e soirée
Chapéus últimos modelos
Espartilhos esportivos e elegantes
Bolsas de seda e couro
Meias de seda e escocês
Leques de abacaxi, osso, chifre e madeira
Véus para rosto
Peignoirs para o banho

Pyjamas para rapaz. Fatinhos para meninos de 1 a 12 annos.
Capotinhas para creanças. Vestidinhos para meninas. Chapéus para meninas e rapazes. Meias de escossia para creança.
Lavalieres para creanças. Bonecas ricamente vestidas e enxovaes completos para noivas

O PRIMEIRO ESTABELECIMENTO DE MODAS EM MANAOS

O unico que recebe novidades PARISIENSES

Perfumarías de primeira qualidade

A Nota, n. 11. Manaus, 11 nov. 1917

Segundo Pinheiro, neste periódico as suas charges que eram produzidas por Marcial Tosca (Raul) destacavam arquétipos retirados da vida burguesa, frente às quais demonstrava admiração, embora pudesse satirizar seus excessos.

A *Nota* possuía um perfil elitista e é fácil constatar que ela se dirigia mais claramente para um segmento social privilegiado. (PINHEIRO, 2001)

Visível também foi o uso do casamento como alvo das brincadeiras, sendo como desejo, ou problemas do cotidiano matrimonial, inclusive traições. A vontade de casar das mulheres era geralmente registrada de forma jocosa nesses impressos, sendo sugeridas simpatias e recomendações para as mulheres que estavam pretendendo se casar. No jornal *A Farpa* de 1909, por exemplo, vimos uma receita para uma mulher conseguir um marido:

Para uma moça cazar- se depressa: Pega- se um sapo cururú, ainda imberbe, amarra se- o pela perna esquerda durante três dias, tendo o cuidado de dar- lhe um bocadinho de água gelada todas as manhãs.(...) É trabalhoso, porém infallível. A moça se casa nem que seja com o Diabo. (A FARPA, 1909).

Nesse texto observamos como os produtores do jornal retratavam as mulheres sempre desesperadas por um casamento, como se elas tivessem o foco de suas vidas no matrimônio, brincando com a vontade das mulheres em relação a isso e ao mesmo tempo destacando as ligações do feminino com suas funções exclusivas, seus papéis que deveriam ser exercidos na sociedade. A imagem da mãe-esposa-dona de casa como principal e mais importante função da mulher correspondia à aquilo que era pregado pela igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo estado e divulgado pela imprensa (Apud PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte: 2001, 374)

Já às mulheres das camadas mais pobres da população eram pouco retratadas pois faziam parte da sociedade que era vista como indesejável para o espaço público das elites, e quando eram expostas nos periódicos tinham como perfil adjetivos diminutivos, eram depreciadas e vistas como retrogradadas, como foi exposta na charge abaixo no jornal *A Nota*.



A Nota, 1917

Esta charge demonstra a representação do perfil da mulher pobre e da região, tendo essa mulher feições “grosseiras”, é mal vestida e possui inúmeros filhos criados em uma vida preguiçosa e atrasada, com uma diferença enorme de sua reprodução nos periódicos

comparados aos perfis reproduzidos das mulheres burguesas.

A figura da prostituta era presente nesses jornais - principalmente naqueles que se diziam humorísticos, porém no fundo eram periódicos de cunho extremamente moralistas e segregadores - e era retratada sempre com desdém, e em alguns jornais com crueldade na forma de falar sobre elas. Tais posturas foram mais externadas pelos periódicos *A Tezoura*, *A Farpa*, *A Marreta*, *O Parafuzo* e principalmente pelo *O Chicote* de 1913, que criticava e satirizava as prostitutas pobres, chamadas de mulheres de vida fácil, as prostitutas de luxo não eram tão agredidas como acontecia com as prostitutas pobres, geralmente eram as cocottes francesas, que eram as mais caras, por representarem no imaginário masculino um ponte para estarem na Europa, ter contato com uma prostituta francesa era mostrar-se europeizado em seu íntimo.

A presença de estrangeiras acabou manifestando-se também na prostituição, embora o meretrício tenha se ampliado em Manaus, principalmente, como estratégia de sobrevivência de mulheres nacionais destruídas pela opressiva estrutura social. Contudo, foi à imagem da cocotte francesa, em geral vinculadas a uma espécie de prostituição “oficial” (já que aceita e acobertada pelo poder público) destinada às elites econômicas, que acabou por adquirir destaque no interior da produção literária local até nossos dias, reforçando a imagem idílica do período da borracha. (PINHEIRO, 2001)

O jornal *O Chicote* teve sua primeira publicação no dia 06 de Julho de 1913, contendo bastantes ilustrações tinha como proposta ser um jornal noticioso, com críticas mundanas e um olhar moralizador em defesa da família, e que tinha como missão realizar um saneamento moral e físico em Manaus. Tal periódico funcionou para expor e ridicularizar as prostitutas pobres que eram vistas como sujeiras na sociedade e eram constantemente atacadas nesse periódico sempre aparecendo de forma negativa, chamadas de marafonas, esbrogues, ratuínas, mulheres de vida fácil, filhas de Eva, e tantos outros. Eis um exemplo da prostituta Albertina que tem sua foto publicada no jornal com um texto que a desqualificava tanto esteticamente como moralmente: *Esta gallinha, é uma ratuina celebre nas suas patifarias, como o público verá da sua photographia.* (O CHICOTE, 1914)



O Chicote, n. 1914

Através dessa exposição os colaboradores do jornal, ridicularizam o que considera impróprio, rotulando tal mulher como adjetivos pejorativos, destacando suas características vistas como indecentes e por isso indesejáveis pelo jornal.

Em *O Chicote* encontramos uma seção chamada *Verdades Nuas*, onde eram colocados os perfis das prostitutas pobres que atuavam em Manaus, como por exemplo, o perfil da Maria José e da Seleciana Sovaco:

Maria José, gorda e barriguda com a cara toda cheia de buraco, Está defeituoza por ser pançuda E ter a dentadura toda em caco. Esta nojenta porca sanhuda Dizem que ella masca tabaco, Inda vae por ter muito carnuda Mas com a cabeça dentro do sacco. Está bôa para crear chimbabos Este coirão dos seiscentos diabos, Por ter perdido toda esperança; Querendo largar a vida malvada Póde empregar- se como creada, Só para fazer medo a creança.(O CHICOTE, 1915)

Seleciana Sovaco, tyra immunda,Vergonha das mulheres nesta terra,Mal feita de corpo, pensa e corcunda,Falando, parece bode quando berra.Denatdura, immitação duma

serra, Tem a boca de caveira, muito funda, Em tratando desta forma não se erra, Descrevendo uma gaja tão imunda. Desordeira, vagabunda, indecente, De cachoeira já tirou a patente Por ser a mais antiga irmã da òpa; (CHICOTE, 1915)

Na maioria das notícias e representações encontradas nos periódicos sobre as prostitutas, percebemos que elas tinham como perfil, serem feias, sujas, ignorantes e eram repudiadas pelos jornais, que externavam sua indignação em perceber-las no espaço público da cidade. Vista como uma ameaça a cidade harmônica e com beleza idealizada no período, os jornais de humor, exerceu um papel segregador com relação à prostituta pobre, ridicularizando-a. A visão moral da época sobre essas mulheres das classes populares, devido a sua dificuldade financeira e condições precárias de vida, tinham um ter um perfil bastante negativo por representarem o atraso de que tanto queriam se distanciar os setores dominantes. Não pelo fato de se prostituírem, visto que as prostitutas de luxo eram tidas como um mal necessário, mas pela pobreza e aspectos não modernos e comportamento não refinado que essas prostitutas pobres possuíam. Ou seja, representavam tudo o que uma mulher da Manaus idealizada não deveria ser.

2

Papel desempenhado pela Imprensa de humor na construção de uma imagem feminina: A mulher da Manaus dos sonhos da elite local.

Na busca de uma cidade moderna, Manaus passou por um processo de urbanização, onde as elites locais pretendiam tornar Manaus numa cidade ideal com foco na beleza e harmonia, com sua população ostentando posturas modernas e refinadas, onde a moda os costumes e lazer tinham como padrão a Europa. E dentro desse conjunto uma mulher ideal para representar essa cidade idealizada pelos setores dominantes da cidade: a mulher da Manaus dos sonhos.

Percebemos que o perfil feminino desejado para ocupar essa cidade projetada, era a mulher refinada, limpa, bonita, que se vestia bem e consumidora da moda européia e para isso fez-se necessário a construção de uma imagem feminina, através da disciplinarização das mulheres locais. Afastar a imagem de uma Manaus retrógrada e selvagem era a intenção desses periódicos cuja preocupação era buscar serem vistos como cultos e modernos.

Encontramos um episódio no jornal A Farpa, muito ilustrativo dessa situação. Trata-se do caso da apresentação de uma artista no Teatro Amazonas. Mesmo os autores do artigo expondo que não gostaram da apresentação, logo em seguida, afirmam que iam parabenizá-la pois seu trabalho era moderno e não queriam ser vistos como selvagens.

Através das notícias, críticas, poemas, propagandas da moda européia e reprodução de um padrão de beleza e comportamental, a Imprensa Humorística difundia o perfil da mulher ideal da Manaus dos sonhos da elite local: a mulher *chic*, europeizada, com traços finos e comportamento refinado.

A cidade das selvas, a mil milhas de distância de um porto “civilizado”, orgulhava-se de sua frenética trajetória e não conseguia deixar de mirar-se nos espelhos do mundo burguês bem sucedido, tido como cada vez mais próximo e inexorável. (PINHEIRO,1999)

O jornal *Pontos nos ii* teve seu primeiro exemplar veiculado em Manaus no dia 14 de julho de 1906, tinha como proprietário oculto um jornalista cujo pseudônimo era Gato Preto. Sua proposta era ser um jornal de humor que servisse para todas as classes cujo objetivo era criticar o cotidiano local através do humor. Neste periódico encontramos descrita de forma xistosa a reprodução da mulher *chic*, europeizada, que aparece na fotogravura logo abaixo:

Esta que está ahi ao lado senhores já o conheceram: é a Ricordeau. É a mais bella plastica que tem apparecido no nosso Theatro. Alta, divinamente elegante, dum chic supremo, é uma tentação ambulante!

Cabelos falvos, olhar cheio de promessas, tem também umas toilettes dum raro gosto parisiense da rua de la Paix. (PONTOS NOS II, 1906)



Pontos nos ii, nº 01. Manaus,1906.

Dentro dessas condutas, os periódicos ditavam o que era certo e errado para uma

mulher admirada fazer e a imagem da mulher refinada era a ideal e elogiada nessa imprensa. Porém cabe ressaltar que apesar da predileção pela mulher chic e europeizada, não queria dizer que essa imprensa apoiava a independência dessas mulheres, elas eram sempre retratadas como bonitas, elegantes, delicadas, mas sempre frágeis diante da sociedade, é como nesse exemplo do periódico A Nota, de 1917, onde a imagem da mulher é usada para associar-



se à fragilidade:

A Nota nº 02. Manaus, 1917.

Nesta charge, a figura feminina é usada como frágil e fácil de cometer erros, onde o homem é mais poderoso e esperto, no tamanho é maior e ganha mais vantagens sobre a mulher.

Em nossa pesquisa observamos que além de difusora da imagem de mulher ideal, essa imprensa funcionava como disciplinadora do comportamento feminino, modelando o feminino local através das críticas e ridicularizações das mulheres vistas como inapropriadas para a sociedade.

Manaus transformava-se na cidade do fausto, onde tudo é belo e moderno e onde as pessoas conviviam harmoniosamente, tendo como parâmetros às cidades européias: é a modernização que chega ao porto de lenha com sua visão transformadora, arrasando com o atrasado e feio e construindo o moderno e belo. (DIAS, 1999)

Porém, para essa Manaus do fausto, não havia espaço para as pessoas que não correspondessem a esse modelo de modernidade que veio embutida de uma exclusão social das camadas mais populares da cidade.

Para tentar tornar essa Manaus em cidade real, foi imposto uma disciplinarização do comportamento local, e a imprensa funcionou como veículo para essa disciplinarização agindo no cotidiano da cidade, elogiando a mulher refinada, ignorando a mulher pobre, disfarçando através da hipocrisia a prostituta de luxo e criticando a prostituta pobre, que era atacada com ofensas através de textos, exposição de seus perfis sempre pejorativos, crônicas, concursos e fotogravuras através de uma linguagem própria do período esquistosa. Cabe reconhecer como fez Heloísa de Faria Cruz, que a imprensa periódica virou moda e transformou-se no principal produto da cultura impressa e o periodismo emergiu como um importante espaço de renovação da cultura letrada. Mais ainda, no ambiente da metrópole em formação, a imprensa periódica apresenta-se como foco fundamental de formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais e de difusão de seus projetos e produtos. A pequena imprensa de folhas e revistas aproxima o jornalismo do cotidiano da vida urbana. (CRUZ, 2000)

Considerada uma ameaça a esse ideal de estética e comportamento, o baixo meretrício era presente na cidade de Manaus e em grande número, e ao mesmo tempo que esses jornais pretendiam afastá-las da sociedade externando sua indignação com essas mulheres, deu espaço para que as prostitutas pobres aparecessem nessa em meio a todo o ideal pretendido.

Os jornais humorísticos defendiam a moral e a família, repudiando o baixo meretrício, pretendiam que a sociedade absorvesse as idéias pretendidas por esse processo de modernização, aconselhando os homens a não se relacionarem com essas mulheres, e os ameaçando caso acontecesse o contrário. O mesmo acontecia com as mulheres, eram ameaçadas de serem expostas nesses jornais se apresentassem algum comportamento exagerado ou semelhante aos das prostitutas. Funcionando como uma vitrine das condutas, moda e adjetivos da mulher ideal, os periódicos de humor também funcionavam como olhos de constante vigília do feminino local, ameaçando sua exposição se cometessem algo considerado pelos jornalistas como exagerados ou impróprios para os bons costumes da cidade.

Para o baile realizado hontem na rua da Independencia, expedimos dois reporters e no proximo numero daremos o resultado.(O CHICOTE,1913)

Correio da casa: Porque a Ophelia esta tao gorda?(O CHICOTE,1913)

Outra crítica as mulheres era feita através da crítica a moda. Condenavam os excessivos de interesses femininos pelo vestuário e pela moda de modo geral. Assim, as mulheres chics eram elogiadas por serem refinadas e consumidoras do estilo europeu, porém não deveriam passar dos limites do pudor local



A Nota, n.03,1917

O jornal A Marreta, publicado em 1919, era um semanário crítico, noticioso e literário, e tinha como proposta serem sentinelas da sociedade, nos limites traçados pela boa moral. Neste periódico encontramos diversos concursos para eleger a mulher mais feia da cidade, como por exemplo: *Qual é a mulher mais feia de Manaus?* (A Marreta,1912)

As mulheres de comportamento exagerado ou suspeito eram criticadas, e tais periódicos colocavam ameaças as mulheres, que se continuassem seriam expostas no jornal, observadas em seus passeios pela cidade, ou em bondes eram constantemente observadas pelos olhos desses jornais de humor, que elogiavam e faziam poemas para mulheres bonitas e refinadas, mas que também criticava os comportamentos considerados inapropriados para a

sociedade. Nesses jornais de cunho moralista existiam seções específicas para criticar as mulheres vistas como indecentes, tais como: Eu Vi Pelo Binóculo, É com isso que mamãe se damna, Vida Alheia, e Implicamos com. Vejamos:

Implicamos com a Elisia Tartaruga que reside na cachoeirinha na av. Wapés, por andar dizendo que está sendo muito feliz, n'aquelle bairro, por ter pegado um grosso xodó com um gajo casado J. P., que mora no mesmo bairro. Se continuar apitaremos. (O CHICOTE, 1914)

3

Posturas adotadas pela Imprensa de humor diante da expansão do feminino.

A partir das imagens e artigos presentes nos jornais observamos que as elites Manauaras estavam abertas a essas novidades advindas da modernidade, as mulheres e homens tornaram-se consumidores dos hábitos europeus, da moda de roupas importadas, chapéus, sapatos, perfumes. Passaram a estudar a língua estrangeira, porém com restrições no que se refere a mudanças na esfera familiar, principalmente na condição feminina.

A condição feminina também era externada através de piadas e poemas nos jornais humorísticos, apresentando tais periódicos características bem particulares e sinuosas que merecem uma atenção especial.

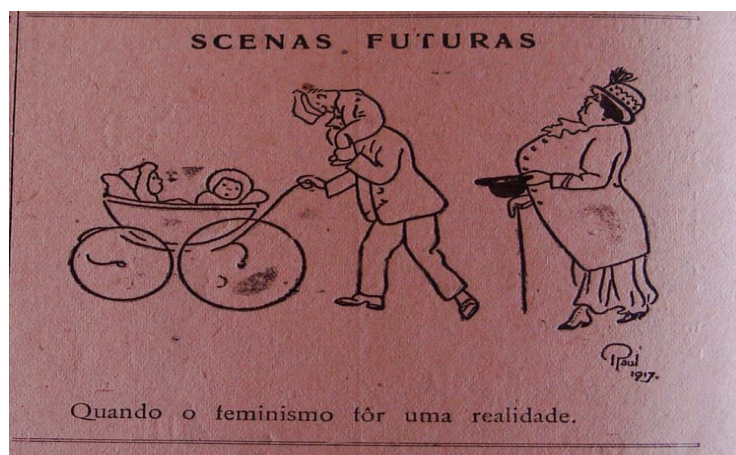
O periódico “A Matraca” publicado em 1913, com o objetivo de trabalhar com a crítica leve e o humor fino, expressa bastante um ponto de vista elitizado e não possui gravuras e charges. Neste humorístico encontramos um expressivo texto sobre esses debates sociais gerados pelas transformações advindas da modernidade e os valores tradicionais:

Temos a crise financeira que abalança o mundo inteiro; a política que vai confundindo milhões de entes; a da calma, da tolerância em virtude das quase muitas suicídios e assassinatos se realizam; a de costumes que dejenera o mundo moderno e devido a qual se vêem moços rasgando o programa de vida, ludibriando a todos para alcançar uma vida de honrarias e ociosidades, em oposição ao direito alheio (A MATRACA, 1913)

Percebemos que a imprensa humorística tentou diminuir através de críticas e charges que ridicularizavam os avanços do feminino local. Enquanto na Europa, os movimentos feministas já se mobilizavam e ganhavam alguma abertura no espaço público, como nos informa Joana Maria Pedro (PEDRO, 2008), em Manaus tais idéias de emancipação feminina eram ridicularizadas através de piadas nos periódicos humorísticos, expondo de forma jocosa, assim, incômodos e o descontentamento por parte de quem produzia estes periódicos.

Diante da expansão do emprego feminino, a sociedade tendeu a reagir de forma diferenciada. A aceitação e a legitimação dos novos empregos guardavam relação estreita com o repertório de valores culturais existentes, frente aos quais o “novo” buscava se impor. (PINHEIRO,2001)

A emancipação feminina era exposta como algo ridículo e absurdo pelas folhas de humor de Manaus como é evidenciado nessa gravura no jornal “A Nota”.



A Nota, n. 06. 1917

Nesta imagem podemos perceber o quanto talvez fosse incômodo a emancipação feminina para a sociedade amazonense. Os produtores do jornal A Nota no período estudado já eram intelectuais conhecidos e respeitados no jornalismo local. A imagem nos mostra que quando o feminismo fosse uma realidade, os homens seriam subjugados pelas mulheres, que iriam tomar seu lugar, e assim cuidariam das crianças enquanto as mulheres seguiriam passeando com autoridade sobre eles.

Outro ponto em que os jornais focavam eram as mulheres que estavam adquirindo

conhecimento científico, expondo charges que mostravam as mulheres como inadequadas para tal atividade. Estava na realidade evitando uma possível futura concorrência no mercado de trabalho. Demonstrando o medo que tinham do desenvolvimento intelectual dessas mulheres.

A SENHORITA não conta mais de 16 anos e passa pela primeira aluna da Escola Normal.

Com esplendida média, vae caber- lhe um dos melhores premios de aproveitamento. Senhorita é assaz, talentosa, é quasi genial.

Senhorita está sendo submetida a exame de physica e historia natural. A banca ultrapassa o ponto, deliciada com a intelligencia expedita daquela optima professora futura. E o sr. V. Telles, depois de um “muito bem”, interroga:

-Diga- me uma coisa, menina: quem despence maior esforço muscular, o indivíduo que sobe uma ladeira, ou o que a desce?

A conceituadissima examinada limpa as mãozinhas com lençito perfumado, olha com superioridade a assistencia, trança a perna direita por sobre a esquerda, e responde vagarosamente, syllabando as palavras:

O que sobe.

Olhe lá, veja o que está dizendo... Não será o que desce?

É, é o que desce, mesmo; é o que desce; sim senhor.

Agora, está bem. E por que? Vamos lá, explique. A menina sabe...

Porque? É simples: Porque o que desce tem dois trabalhos: o de subir e o de descer!

Senhorita foi reprovada em physica; desgostou-se; vae seguir outra carreira, que não a de professora normalista...

Gosta muito de historia natural, noivou-se, matrimoniar-se-á brevemente. Está com uma distinção, na certa. (A Nota. 1917)

Os periódicos humorísticos reproduziam que as mulheres eram limitadas a atividades ligadas ao matrimônio, maternidade e cuidados com a casa.

Nos periódicos examinados percebemos as mulheres das camadas pobres da cidade exercendo trabalhos fora de casa, trabalhos como lavadeira, cozinheira e empregadas domesticas.

Neste caso, sua presença nas ruas era fruto da necessidade decorrente do mundo de trabalho, também ele restrito a funções específicas. Lavadeiras, costureiras e vendedoras ambulantes de doces e outras guloseimas estavam entre os empregos femininos que mais favoreciam esse contato com o mundo da rua. (PINHEIRO, 2001)

Porém esse contato para trabalhar no espaço público era criticado pelos jornais, relacionando às vezes, as mulheres que trabalhavam fora de casa a prostituição, pois observamos que esses periódicos muitas vezes ao exporem as prostitutas pobres, falavam que

usavam algum trabalho para disfarçar que estava na realidade se prostituindo. Além de destacarem que essas trabalhadoras eram ignorantes e exageradas em seu comportamento e feias. Isso não era uma regra, porém fazia parte das ideias defendidas pelos jornais repudiar o desenvolvimento feminino no campo de trabalho.

No extremo, as atividades ligadas ao universo noturno e ao mundo do entretenimento (dançarinas de cabaré, coristas, atrizes de trupes teatrais, etc.), eram sistematicamente desqualificadas como moralmente condenáveis e até “pecaminosas”. Não raro tendiam a ser identificadas com a prostituição, embora esta ligação estivesse longe de ser regra.(PINHEIRO, 2001).

Através da pesquisa, ficou evidente que os jornais humorísticos, direta ou indiretamente, se posicionavam contra a emancipação feminina, pois o fato de terem as mulheres como independentes e ativas na sociedade era um incômodo para o universo masculino, até então dominador do espaço público da sociedade manauara e o desenvolvimento do feminino local era observado pelos olhares da imprensa humorística de forma constante e disciplinadora.

7 - CONCLUSÕES

Na passagem do século XIX para o século XX, em um contexto de transformações físicas, econômicas e sociais, a cidade de Manaus passou por um processo de modernização pretendida e organizada pelos setores dominantes locais, refletidos nas primeiras décadas do século XX. Ao mesmo tempo em que a cidade melhorou os principais espaços físicos da cidade, adquiriu o consumo da moda e costumes europeus, esse processo também gerou exclusão social para os setores pobres da população.

Dentro dessa idealização de uma cidade marcada pela beleza e harmonia, os jornais serviram de veículo para as ideias defendidas por esses setores e nas páginas desses periódicos encontramos os perfis das mulheres que pertenciam a Manaus real e a Manaus

idealizada.

Os perfis mais frequentes nos periódicos humorísticos trabalhados eram o da mulher burguesa caracterizada pelo seu refinamento, beleza europeizada, e seu comportamento *chic*; e o da mulher pobre, caracterizada pela ignorância, vida atrasada e preguiçosa; a mulher prostituta de luxo, escondida pela hipocrisia das elites, não era exposta com intensidade nem ataques nessa imprensa; e a prostituta pobre, representada como feia, mal vestida, suja e ignorante, era considerada uma ameaça a essa cidade idealizada.

Dos perfis (re) produzidos pelos periódicos humorísticos o perfil da mulher *chic*, era o difundido como modelo a ser seguido na sociedade, a mulher refinada e era idealizada e desejada para representar essa Manaus dos sonho da elite local.

A prostituta era o maior alvo desses jornais, tendo os jornais de cunho moralista seções específicas para criticar as mulheres vistas como indecentes. Nesse contexto, a imprensa desempenhou o papel de fomentadora da imagem de uma mulher ideal, a mulher *chic*, mas também agiu como segregadora da mulher pobre e da prostituta do baixo meretrício, mas como consequência desse projeto de exclusão dessas mulheres indesejadas deu espaço para percebermos as contradições da sociedade, onde essas mulheres que queriam excluir na Manaus idealizada, eram a maioria cidade real no recorte pesquisado.

A emancipação feminina local, ainda em suas raízes, de forma tímida, causou um imenso desconforto ao imaginário masculino refletido na ridicularização das ações que indicassem ou ameaçassem qualquer progresso da condição feminina. Através de constantes representações que diminuía a mulher em vários sentidos, os periódicos humorísticos mostraram seu posicionamento a favor da limitação da mulher ao espaço privado, pois no espaço público ela era sempre observada e regada através dos olhos dessa imprensa.

Cabe ressaltar que trabalhar com tais questões referentes ao feminino local foi um

desafio, que muito tem a ser desvelado futuramente. A sociedade manauara sofreu um conjunto de transformações advindas da modernidade européia, que foram absorvidas de forma superficial, na moda, no lazer, nas novidades urbanísticas, porém por mais que os jornais humorísticos tivessem pretendido limitar o feminino local a suas críticas e regras, essas transformações vão gerar outras situações, outras estratégias de resistência e crescimento dessas mulheres, que merecem atenção posteriormente a ser investigado.

8-CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2009	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2010	Fev	Marc	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
	Leitura da Bibliografia Seleccionada	R	R	R	R									
	Pesquisa Arquivística		R	R	R	R								
	Apresentação Oral do Projeto				R									
	Crítica e Elaboração dos Dados				R	R	R	R						
	Elaboração do Relatório Semestral						R	R						
	Redação								R	R	R	R		
	Elaboração do Resumo e Relatório Final												R	
	Preparação da Apresentação Final													P

9 – FONTES E REFERÊNCIAS

8.1. Fontes:

Nossas fontes prioritárias foram os jornais e revistas de humor que circularam em Manaus nas primeiras no final do século XIX e início do XX. Para uma delimitação dos títulos, levamos em consideração tanto as referências sugeridas pela literatura sobre o assunto (Pinheiro, 2001), quanto o critério de acessibilidade. Dessa forma, nossa pesquisa realizou a consulta a alguns títulos como: A Farpa (1909), A Nota (1917), A Matraca (1913), A Tezoura (1909), O Martelo (1911), O Parafuso (1912), O Chicote (1913), O Pau (1912), O Riso (1913), O Bisturi (1913), A Matraca (1913), O Esfolo (1913-1914), A Marreta (1917), Pontos nos ii (1906), etc.

8.2. Referências:

- BARBOSA, Marialva. *Como escrever uma história da Imprensa?* II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis: UFF, 2004.
- BUITONI, Dulcília Schoeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- DIAS, Ednéa Mascarenha. *A Ilusão do Fausto: Manaus: 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.
- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/Edusp, 1994.
- CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915*. São Paulo: EDUC/ Fapesp, 2000.
- FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1988.
- LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Imprensa feminina, revista feminina*. In: Revista do Programa de Estudos Pós- graduados em História. nº 35- Julho/ Dezembro. 2007. PUC- SP. pp. 222- 241.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revistas: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República – São Paulo (1890- 1922)*. São Paulo: FAPESP, Imprensa Oficial do

estado, 2001.

- _____. *Da Fantasia à História: folheando páginas revisteiras*. História. São Paulo, Vol.22, n.1, pp.59 a 79, 2003.
- MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de (Orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008;
- _____. *Imprensa e Cidade.. São Paulo: UNESP, 2006*.
- PEDRO, Joana Maria. *Historicizando o Gênero*. In: FERREIRA, Celso, BEZERRA, Holien Gonçalves, LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *O historiador e seu tempo: encontros com a história*. São Paulo: Editora: UNESP: ANPUH, 2008.
- PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas. São Paulo. Editora da UNESP, 1998*.
- _____. *Os excluídos da História. Operários, mulheres, prisioneiros*. 2 ed.Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.
- _____. *As Mulheres ou os silêncios da história; trad. Viviane Ribeiro*. Bauru, SP: EDUSC, 2005(Coleção História) pp.09- 43.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus,1899- 1925*. Manaus: Valer, 2001.
- _____. *Folhas do Norte: Periodismo e Cultura Letrada no Amazonas (1880-1920)*.Tese de Doutorado em História. São Paulo, PUC- SP, 2001. Cap.05, 06.
- PINSK, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.
- RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e código da sexualidade feminina em São Paulo: 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A representação humorística na história brasileira: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2002.
- SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. de Matos. *Gênero em Debate: Trajetórias e perspectivas na Historiografia Contemporânea*. São Paulo: EDUC
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SOIHET, Rachel. *História das Mulheres*. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. “A Imprensa Como Fonte Para a Pesquisa Histórica”. *Projeto História*, nº3. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984. p. 47-54.
- ZICMAN, Renée Barata. “*História Através da Imprensa: algumas considerações metodológicas*”. *Projeto História*, nº4. São Paulo, EDUC, 1985. p. 89-102.

